

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Garcia

registada em 2008-09-09
por

Joana Ribeiro, Jorge Rocha e Hugo Pereira

José Garcia

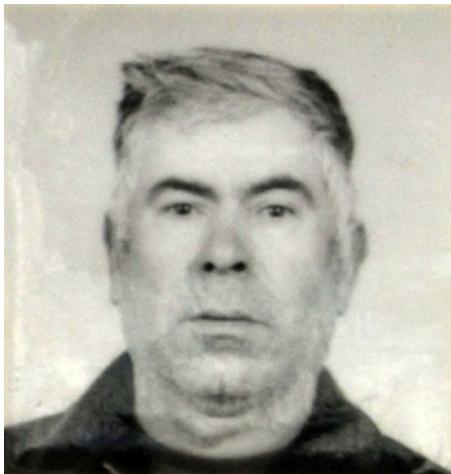
José Garcia, mais conhecido por “Zé Paródias”, não se lembra quando nasceu, apenas que foi em Alvôco das Várzeas. Os seus pais chamavam-se Joaquim Garcia e Josefa Rosa. Ambos naturais de Alvôco das Várzeas, foi lá que trabalharam “até terem filhos mais ou menos criados”. Já com os filhos capazes de trabalhar foram para a Mata da Margaraça, onde estiveram durante 14 anos, até regressarem aos Pardieiros. Com 6 anos começou a guardar um rebanho. José nunca foi à escola, nunca lá entrou. Os pais “não tinham posses” para o mandar. Conheceu a mulher, Isaura, nos Pardieiros, a conversa levou ao namoro, autorizado pelo pai dela. O casamento foi na Moura da Serra, “comeu-se, encheu-se a barriga e, à noute, fizeram um bailarico”. Tiveram dois filhos: António e Acácio. Cavou terra “de sol a sol”, fez colheres e vendeu “bugigangas, bonecos, coisas de todas as qualidades” na Fraga da Pena, durante oito anos. Já trabalhou muito.

Índice

Identificação José Garcia.....	4
Ascendência Joaquim Garcia e Josefa Rosa.....	4
Infância "Muitos rapazes e muitas raparigas".....	4
Casa "Casa do pobre".....	5
Educação "Nunca fui à escola".....	5
Religião "Tudo legal".....	6
Namoro "Um namoro estúpido".....	6
Casamento "Ia bonita como uma rosa!".....	7
Descendência António e Acácio.....	8
Ofício "Trabalhei muito".....	9
Migração "Em tendo "a casca fora do rabo", voltam-se para Lisboa".....	17
Costumes Tradições de Pardieiros.....	18
Lugar "Sempre gostei de aqui viver".....	21
História A Comissão de Melhoramentos.....	26
Quotidiano "Gosto de conversar com as pessoas".....	27

Identificação *José Garcia*

Chamo-me José Garcia. Nasci - não me lembro quando - em Alvôco das Várzeas, que fica entre a Ponte das Três Entradas e Vide. Pertence ao concelho de Oliveira do Hospital. Alvôco é uma terra muito grande. Talvez maior que a Benfeita. A Benfeita é uma terra grande, porque é espalhada. Não é lisa. À beira da estrada só se vê um coisito da Benfeita. Lá para cima é que é a povoação maior. Em Alvôco era a mesma coisa.



José Garcia (1980)

Ascendência *Joaquim Garcia e Josefa Rosa*

Os meus pais chamavam-se Joaquim Garcia e Josefa Rosa. Também eram de Alvôco das Várzeas. Trabalharam lá até ter os filhos mais ou menos criados. Depois, como estávamos em ponto de já poder trabalhar, viéramos para aqui, para a Mata da Margaraça. Estivéramos lá 14 anos. Depois, dali viéramos outra vez aqui para os Pardieiros cultivar fazenda.

Infância "*Muitos rapazes e muitas raparigas*"

Para brincar, juntávamos cinco e seis rapazes ou sete e oito e jogávamos o pião. Com uma baraça, zumba, botávamos o pião. Até íamos às caças dos piões uns dos outros. Às vezes, rachávamo-los ao meio. Depois, jogávamos à porrada uns com os outros porque rachávamos o pião! Era uma coisa assim. E eram uns jogos quaisquer, que a gente também jogava. Já nem me lembro. Escondíamo-nos uns dos outros e depois andávamos à pergunta deles aqui pelos campos, por um lado e por outro. Quando aparecia, essa pessoa vinha a correr e se chegava diante da gente ganhava e a gente perdia. Jogávamos a malha, também. Com aquelas patacas, pumba, andávamos a jogar. Nessa altura havia muitos rapazes e muitas raparigas. Não é como agora. Agora é outra vida. Isto mudou tudo. As nossas brincadeiras era brincar a uma coisa e a outra. A nossa infância foi assim.

Quando eu era criança, não podia trabalhar. Os meus pais, coitaditos, é que tinham de ganhar o guito, o pão, para me dar. Com 6 anos, às vezes, vinha para a Mata atrás de um rebanho de gado. Andei sempre a guardar um rebanho enquanto estive lá. Fazia assim: levava o gado lá para o meio e dava a volta a ver se tinham roubado um molho de lenha ou se tinham tirado um pau de castanho. A gente sabia como deixava as coisas e eu ia dar a volta à Mata toda com o gado. Quando chegava cá abaixo às fazendas, já tinha virado a Mata toda e, à tarde, tinha que tornar a ir outra vez para lá. A nossa infância era assim. A minha foi e a de muitos foi igual à minha. Não fui só eu.

Casa "*Casa do pobre*"

Lembro-me da casa dos meus pais. Tinha dois quartitos, não muito grandes. Tinha uma salita e ao lado uma cozininha. Era toda em pedra, com um sobradito, já velho. Era assim a casa do pobre naquele tempo. Não havia prédios como agora. Havia terras grandes que nem se via uma casa pintada de branco. Tudo em pedra! Os telhados eram lajes. Não deixavam a água vir para cima da gente. Mas muitos tinham que abrir um chapéu para comerem dentro de casa. Na minha, não. Nunca me lembro de lá entrar água. Mas havia muitas que eram assim. E quando vinha, às vezes, anos de muito vendaval, arrastava aquelas lajes para o meio do chão, partiam, rachavam. Depois, zás, água a cair lá para dentro. Era uma miséria autêntica. Agora, a vida começou a evoluir, começou a ir indo e agora está melhor. Já há mais dinheiros, mais coisas. Já é melhor. Mas, no meu caso, foi muito mau.

Educação "*Nunca fui à escola*"

Nunca fui à escola. Nunca lá entrei. Os meus pais, coitaditos, eram pobres. Não tinham posses para me mandar para a escola. E eu também nunca tive ninguém que me puxasse assim:

- "Vais comigo!"

Ou:

- "Vamos para a escola!"

Não sei ler. Se soubesse, escrevia e já sabia. E tenho pena. Às vezes, tenho que assinar coisas e não posso. Tenho que dizer:

- Faz favor, vem-me aqui assinar o meu nome?

E isto custa-me muito. Se soubesse o que sei hoje, até era capaz de me ter puxado mais para ir, mas então... Alguém percebia alguma coisa da vida? Foi sempre trabalhar, trabalhar, trabalhar até esta época. Era uma vida muito ruim. E eu ainda atingi isso tudo!

Religião "*Tudo legal*"

À catequese, fui. Aquilo até era bonito. Eu gostava muito daquilo. Aprendi muito bem. Era aqui à Benfeita, que a gente ia. Na igreja. Ali é que a gente tinha a catequese. Fui à catequese, fui baptizado, foi tudo legal. Mas à missa ia pouco. Eu tenho um defeito numa perna e por isso não ia muitas vezes à missa, porque não podia andar como devia ser. Nunca tive carro... Muitas vezes não podia ir. Quando é aqui, vou sempre. Agora quando é para longe, para a Benfeita ou para um lado qualquer, não estou a mentir, não vou. Entendo que não posso ir, não vou! Mas nunca critiquei ninguém que fosse à missa. Cada qual faz aquilo que tem na sua ideia. Dizem que é pecado uma pessoa ir à missa e outro dizer:

- "Para onde é que tu vais? Volta para trás, não vás para lá."

Acho que fazer isso será um pecado grande. Quem vai, vai no seu destino. Vai na sua ideia. Não há ninguém que seja igual. Cada pessoa tem o seu destino e a sua ideia do que há-de fazer e do que quer fazer.

Namoro "*Um namoro estúpido*"

Conheci a minha mulher, Isaura, aqui nos Pardieiros. Ela trabalhava na floresta. Um dia foi levar uma roupa à Benfeita. Havia lá um alfaiate bom. Depois, passou aqui para cima com a roupa à cabeça. Ia levá-la ao guarda. Começámos na conversa, mais para trás, mais para diante, mais para trás, mais

para diante e traváramos aquilo de uma maneira, que começámos a falar um com o outro. E lá começámos a namorar. Arranjáramos a vida. Naquela altura, era um namoro estúpido. Não é como agora. Era estúpido:

- "Onde é que vais?"
- "De onde é que vens?"
- "Para onde é que foste?"

O namoro era assim. Agora é outra vida! Não tem comparação nenhuma com o que era antigamente. Tive que pedir autorização ao pai dela. E ele era mau como um rei!

"Nunca mais me tratou mal"

Um dia, queria-me dar uma malha, aqui adiante num sítio chamado Parede das Tábuas. Foi na altura que a gente se pegou mais. A minha mulher tinha ido tratar de servir nos Pardieiros. À vinda, ia botar o gado no Parede das Tábuas. Eu disse:

- *Ouve lá, posso ir contigo botar o feno ao gado?*
- *"Então não podes porquê? A estrada está livre."*

E fui com ela "pia além"¹. O pai, nesse dia, estava na taberna com uma grande bebedeira. Foi por cima de mim:

- *"Para onde é que tu vais?"*

- Onde é que eu vou? Vou para a minha vida. E você, que está a fazer? Eu não ando a perguntar-lhe da sua vida, pois não? Vou para a minha vida e você é que sabe da sua.

- *"Daqui a bocado, até te mando ali para aquelas silveiras!"*

Só lhe disse assim:

- Experimente, experimente! Se você quer ir primeiro do que eu, experimente.

Ele podia-me botar as mãos, mas eu virava-me para trás, pegava-lhe na pele da barriga e mandava-o lá para baixo para o pé das urtigas, que era num instante. Naquele tempo, eu tinha força como um macho. O que pegasse nos meus braços, não havia ninguém que mo tirasse das unhas para fora. Podiam puxar o que quisessem, mas tirar-me das mãos, não tiravam. Dali não saía. E daí para cá nunca mais se meteu comigo. Tomou medo ou não sei. Nunca mais me tratou mal e nunca mais me disse nada.

¹ por aí além

Casamento "*Ia bonita como uma rosa!*"

O nosso casamento foi na Moura da Serra, com um padre que é daqui de Avô. Tratou-nos sempre muito bem. Já morreu. Dava-lhe a gota. No dia do casamento, eu ia de preto: calça preta e casaco preto. A minha mulher levava um vestido. Não me lembro agora de que era, mas era um vestido. Ia bonita como uma rosa! Ainda éramos um ranchinho de gente apesar de sermos pobres. Para comer, junta-se sempre gente. Juntáramos umas pessoas, fizéramos a boda e comêramos todos uns ao pé dos outros. Mataram-se duas ou três reses, assouse no forno aquela carne - que chamava a gente chanfana -, fez-se arroz-doce, tapioca, coscoréis, bolo... Aquilo foi bom! Tudo comidas caseiras! Não era comida de restaurante. Os pais dela faziam metade da despesa e nós fazíamos a outra metade. Para ficar uma pessoa mais aliviada, para se não gastar tanto. E assim se fez a boda. Comeu-se, encheu-se a barriga e depois, à noute, fizeram aí um bailarico para animar a festa. Lá às tantas, cada um foi para o seu destino, uns para um lado, outros para o outro. Foi assim a nossa vida. E cá nos temos governado, bem ou mal.

Descendência *António e Acácio*

Tive dois filhos. Vi-os fazer o exame da escola como devia ser. A escola era aqui em Pardieiros. Eles aprenderam bem. Depois, ensinei-os a fazer colheres de pau. Também aprendiam bem. Não eram rudes. Há muitos que são rudes. Tanto faz estarem a ver como não. Não reparam no que estão a fazer as outras pessoas. Porque a gente, para aprender a fazer uma coisa, tem que ver como as outras pessoas estão a fazer. Não estando a ver, não vale a pena lá estar. Não adianta estar lá! Não vêem! São uns fracos. Os meus filhos, não. Ambos aprenderam bem a fazer colheres. Um deles, o António, o que está aqui na aldeia, ainda as faz. Botei-os ao pé de mim, um de um lado, outro do outro, e perdi muito tempo e muito dinheirinho por causa deles. Estiveram até à idade de 18 anos a trabalhar ao pé de mim. Depois, casaram-se e foram para a vida deles. O mais velho, o António, anda na Junta da Benfeita. Comprou cá uma casita e cá está a viver. O outro é o Acácio. Está casado na terra onde eu nasci: Alvôco das Várzeas. Comprou lá uma casita e lá está a viver. Já tem uma filha. A minha neta tem agora 14 anos. Às vezes, vem cá, mas a claue dela é "pia baixo"² no povo. A mocidade quer-se uma com a outra. E, pronto, lá estão os dois a tratar, também, da vidita deles. Agora têm de governar a vida deles.

²por aí abaixo

Ofício "*Trabalhei muito*"

Eu fui cavar terra a 15 escudos por dia. De sol a sol! Enquanto dava sol lá em cima nos oiteiros. Eu dizia, às vezes:

- Ah! Eu ando farto de trabalhar, vamos embora!

- "Ainda se vê o sol. E enquanto der o sol, trabalha-se."

Enquanto dava sol, trabalhava-se. Eu passei uma vida do caneco. Uma vida muito má. Ainda atingi o tempo das cadernetas para comprar o açúcar. A gente levava uma caderneta a um comércio qualquer e davam-nos 250 gramas de açúcar. Mais nada! Não davam mais nada. Acabava-se aquilo, íamos buscar outra caderneta, outros 250 de açúcar, meio quilito de arroz, meio quilito de massa, meio litrito de petróleo... Era o que davam à gente. Eram umas senhas! Não havia possibilidade para mais. O povo era muito, queriam comer e não chegava. A mercearia era pouca. Não sei como aquilo era.

"É uma arte"

Quando vim para os Pardieiros, já tinha aprendido a fazer colheres. As colheres de pau começaram assim: um começou a fazer, depois começaram outros a aprender com ele.

- "Ah! Também quero aprender! Também quero fazer colheres!"

A pessoa ia para o pé do colheiro que estava a trabalhar, sentava-se e via como ele fazia. Aprendia a ver. Depois ia também fazer. Chegámos a cá estar 30 colheiros, na terra. Agora, não há cá ninguém. Nos Pardieiros, não há rapazes nenhuns que digam assim:

- "Eu quero aprender a fazer colheres."

Mas a gente, naquele tempo, aprendia uns com os outros. Ia para o pé deles, levava as minhas ferramentzinhas, via como eles machadavam, como eles estavam a fazer e eu fazia a mesma coisa. Mas, claro, as colheres de um aprendiz nunca rendem tanto como as outras que são já bem feitas. Ainda não tinha a prática. Por isso, recebia sempre menos 10 tostõezitos. Naquele tempo eram tostões, 5 tostões, 2 tostões, 3 tostões... Recebíamos sempre menos do que os que as levavam bem feitas. Às vezes, o homem que me ensinou era assim para mim:

- "Não cortes por aí! Vê se estás a estragar a colher! Não cortes por aí, corta por outro lado!"

Lá ia eu cortar por outro lado. Mas depois ainda ia fazer, se calhar, pior do que estava a fazer. Eu estraguei muito pinheiro. Muito, muito, muito. Elas do

pinheiro saíam boas. Eu, depois, é que estragava tudo. Foi difícil aprender. Só depois de uns tantos anos, é que já recebia o mesmo preço dos outros. Diziam-me:

- "Pronto, já fazes como fulano. Fazes igual, já recebes tanto como ele."

O homem que me ensinou a fazer colheres chamava-se Zé da Rita. Ui! Tinha um mau feitio! Levei muita porrada, muitas vezes, com as colheres talhadas. A machada na torga. Ele era um homem que fumava e bebia muito e queria que eu lhe fosse comprar todos os dias aguardente para ele beber. Mas o meu ganhito era pouquinho. Não era nada! Muitos dias nem chegava para levar para casa. Nem para comer toda a semana chegava, quanto mais para andar a pagar aguardente. E ele:

- "Vais!"

E pumba! Uma ripada na testa. Ficava a cabeça a zunir daquela portada com aquelas colheres verdes. Quando são talhadas, as colheres ficam muito pesadas. Depois de talhadas ainda se lhe tira muita madeira. Aquilo era pesado, fazia doer a cabeça como um raio!

- "Não vais buscar a aguardente? Levas uma na cabeça!"

Pumba! Na cabeça! Apanhei muitas, mas lá estive. Quando estava ali na Mata da Margaraça, dava-lhe muito. Nós tínhamos muita fartura de renovo e eu dava-lhe muito! Cestas de batatas, alqueires de milho, feijão. Às vezes, a mulher dele, coitada, ia berrar com ele:

- "Que estás tu a fazer? Ó malandro! O rapaz faz quanto pode, ó malandro!"

- "Anda uma pessoa aqui sem beber nada, e ele não quer lá ir! Ainda ontem recebeu uma fêria e não quer lá ir?"

Ele sabia que o dinheiro era preciso para outra coisa. Porque havia de estar a gastá-lo? Não chegava para nada. O dinheirito naquele tempo era um tostãozinho apertado na mão e mesmo assim não chegava a nada. Não é como hoje. A gente hoje gasta dez ou gasta 20 e fica com outro tanto, mas naquele tempo não era assim.

São precisas quatro ferramentas para se fazer colheres de pau. Primeiro, uma machada, que é para talhar; depois, uma faca que é para as fazer; uma legre, que é para as escavar por dentro, para as legrear, e uma enxó. São quatro ferramentas para fazer uma colher de pau. Depois, botávamos um pedaço de madeira à nossa frente e truca, truca, truca! Toca a trabalhar, toca a fazer. Dá muito trabalho. É uma arte. Para quem vê, parece que é fácil.

- "Ah! Eu também fazia isto!"

Não fazia, não... É uma coisa que se corta por muito fino. Muito fininho. Se a gente carregasse mais num golpe, já não ia acertar o outro com aquele. Já ficava com a beça para o lado e não tinha jeito nenhum. Nem todos têm esperteza para fazer a colher de pau. E magoava o peito. A gente tinha uma correia que

lançava ao peito. Do lado esquerdo, segurava a correia e nas pernas é que se fazia a colher. É custoso. É mais custoso que muita gente pensa.

Eu fazia colheres de dia, de noute e quando tinha uma hora vaga. Quando não fazia ia para a fazenda. A gente tinha cabras, tinha ovelhas, tinha coelhos, tinha galinhas, tinha essa coisa toda. E tínhamos de cultivar para esses animais todos comerem. Como nem todos os dias há trabalho na fazenda, agarrava-me às colheres. Muitas vezes, cheguei a fazer colheres de pau à noute para não vir para a rua, para ninguém saber que eu fazia aquilo. E também para de dia ir aproveitar os trabalhos da fazenda. Arranquei uma tábua do sobrado e seguia para baixo para a loja onde fazia colheres de pau. Estava lá até à meia-noute, uma hora. Chama a gente fazer serão. A tristeza também não era grande coisa, mas a alegria também não era nenhuma. Ali a trabalhar até à meia-noute, uma hora dentro de uma loja fechada. Não era grande alegria, porque estava a perder o nosso sono. Mas a precisão de ganhar o dinheiro era tanta que tinha que ser assim.

Depois, em estando os galos a cantar, levantava-me do cepo, tornava a subir e ia para a Mata, com um machado às costas, cortar um pinheiro. Para começar a machadar ao outro dia logo de manhã cedo. Chegava aqui, serrava o pinheiro à medida. Com uma medida de pau, medíamos e serrávamos com um serrote. Não havia motores como há agora. Nunca vi um motor, senão agora. Naquele tempo eram serrotes. Duas pessoas a serrar, um do lado, outro do outro. Serrávamos, rachávamos a madeira, cascávamo-la com uma machada e depois rachávamos à medida com um maço de pau. Batíamos no lombo da machada, aquilo abria para o lado. Sempre até acabar o reboco. E começávamos truca, truca, a talhar até à noute. Nos dias pequenitos, chegava-se à noute e não tinha nenhuma feita. Zás, para uma loja até umas tantas a trabalhar. Ao outro dia, ainda a manhã lá vinha - não sei adonde era - já eu estava a pé para ir trabalhar. Às vezes, tinha que estar sentado à espera que aclarasse a manhã, porque não se via o caminho. Mas, se fôssemos muito tarde, quando viéssemos já não fazíamos o trabalho que tínhamos a fazer. Quando eram aqueles dias pequenitos. Se a gente não fizesse o trabalho todo, no fim da semana, quando íamos levar as colheres ao depósito, não podia contar o dinheirito. E a gente sabia que ele era preciso, porque não havia outros recursos, naquele tempo. Não havia uma reformazinha, não havia nada. Era só o suorzinho do braço. Tínhamos que regular aquilo para toda a semana. O dinheiro tinha que chegar para toda a semana. Até ao outro domingo, quando lá íamos outra vez levar as colheres para recebermos o tostãozito.

Nós fazíamos colheres para um depósito, para um homem que se chamava Aristides. Éramos alguns 30. Tudo lá levava as colheres. Chegámos a pontos em que ele tinha lá tantas, tantas, que já não tinha onde botasse as outras que a gente levava:

- "Ó Aristides, posso ir agora com as colheres?"

- "Tenho tanta vontade de vos cá ver como ver um lobo!"

Havia alturas em que ele não podia com tanta colher. Tinha que as armazenar ali. O dinheiro ficava ali empatado até as poderem despachar. Era uma vida muito má. Trabalhávamos toda a semana, de segunda-feira a sábado. Ao domingo, levávamos para aquele depósito, que as vendia para Coimbra, para Lisboa, para o Porto, para onde calhava. Vendia sacas da obra que a gente fazia. A gente levava uma saca de colheres às costas e trazia um "coiselho" no fundo da mão de dinheiro. Uma bagatela. Não davam nada! Não rendiam nada! Naquele tempo, não era negócio que desse para nada. Era só para remediar. Dava para me governar, para governar a mulher e para criar os filhos. Vendíamos um cento de colheres de pau por 7 escudos e 500. Tínhamos outras mais caritas e outras mais baratas ainda. As pequeninas eram a 25 tostões. Um cento de colheres 25 tostões! E hoje, essas colheres, que custavam 25 tostões, custam 50 ou mais! Ou 60 ou 70. Se eu agora fizesse colheres de pau, nem que as fizesse mal, governava-me, porque estão muito caras. Naquele tempo, não. Não rendiam nada. Mas agora, já não faço colheres. Já vai para dez anos que eu não as faço. A idade já é muita e além disso a reformita chega para viver. Para que é que hei-de andar agora? Trabalhar já trabalhei muito.

A nossa vida era assim, uma miséria. Uma escravidão! Uma vida ruim, mesmo ruim a valer! Uma coisa mesmo louca. Era só trabalhar, trabalhar de dia e de noite. A gente não sabia o que era um domingo, não sabia o que era um dia santo, não sabia nada. Era trabalhar até rebentar!

"Quanto levei, quanto vendi!"

Eu estive na Fraga da Pena oito anos a vender bugigangas, bonecos, coisas de todas as qualidades que ia buscar a uma casa em Côja. Ia lá, comprava às caixas e vendia ali muito bem. Começou assim: há aqui um rapaz - chamam-no Jorge - que fazia colheres de pau. Tinha três filhos pequeninos. E só com os abonos, não dava para os guardar. Então, pôs dois filhos, um mais abaixo e outro mais acima, a vender colheres e cestos. Só isso. Eles, coitaditos, lá faziam o negociozito deles. Quando não havia negócio, não faziam nada, pois claro! Um dia, digo cá para comigo:

- Eu podia ir ali em baixo à fábrica a Côja, comprava lá uns bonecos, uns Pais Natal e essa coisa assim e ia para ali vender.

No primeiro dia, foi uma maravilha! Aquilo correu tudo bem. Quanto levei, quanto vendi! Comecei-me a acostumar àquilo e estive lá em cima oito anos. Quando comecei, não me lembro. A idade que tinha, não estou lembrado. Ali fazia-se bom negócio. Vinha muita gente. Às vezes vinham duas excursões. O

largo estava sempre atacado de carros! Chegaram a estar lá 30 carros juntos! Muitas vezes, muitos domingos. Trouxe de lá muita vez 70, 80, 90, 100 contos. Muita vez, muita ventura. Agora, ainda há pessoas, que me viam lá, que passam por aqui, cumprimentam-me e abraçam-me. Até mulheres!

- "Oh! Então você agora já lá não está?"

Agora acabei com aquilo. Depois que me deu o AVC, fiquei um bocadito azamboado da cabeça e deixei-me de ir para lá.

Mas também tive lá bocados maus.

"O senhor não pagou a colher!"

Eu vendia colheres de pau. Tinha lá colheres muito grandes, com uma pá, aí de 1 litro de água. Um dia, estava eu lá sentado e passa um turista. Não sei se francês, se espanhol.

- "*Quanto custa esta "coler"? Quanto custa esta "coler"?*"

Digo-lhe eu:

- "*Olhe, custa-lhe 1 conto e 500.*"

- "*É muito caro! É muito caro!*"

- Então, se o senhor não quer comprar, não é obrigado, não compre. Deixe-a estar. Leve a outra.

Estavam ali umas mulheres de roda dele. Muitas raparigas, muitas mulheres. Ia tudo de rancho lá para dentro. O gajo pede-me uma caneca de água. Eu tinha sempre água fresquinha numa cântara de barro, porque, às vezes, chegava um e pedia:

- "*Olhe, não me dava um copinho de água?*"

- "*Dou, sim senhor. Então não dou porquê?*"

Eu ali só fazia bem para arranjar freguesia. Não ia escandalizar ninguém, porque senão:

- "*Ai, és assim? Não me apanhas cá mais a comprar-te nada.*"

Eu queria tudo. Quanto mais os estimasse, melhor.

Então, o gajo pede-me água:

- "*Bota aqui para dentro, bota aqui para dentro!*" - *dizia-me ele para mim*

- "*Bota aqui para dentro.*"

Parece que o estou a ver. Eu encho-lhe a colher de água, nunca pensando no que fazia. Ele pegou na colher cheia de água e começou com a mão a botar um pingo para a senhora, outro pingo para outra, um pinguinho para aquela... A brincar. Na brincadeira, foi o que eu pensei. Diz-me um senhor que ali estava ao pé de mim:

- "*Olha que ele já te não paga a colher.*"

- Não paga a colher!? Então, o senhor viu bem que ele que não ma pagou.
- "Pois vi, eu sou testemunha."

Vem para baixo, faça-lhe sinal com a mão e digo-lhe assim:

- O senhor não pagou a colher!

- "Pagar, pagar!" - a dizer que pagou.

- Não, senhor. Não pagou.

Começou ali a querer-se encrespar comigo. Eu tinha lá - tive sempre - uma catana de pau com uma moca grande. Penso assim:

- Obrigas-me a arrumar-te com ela na cabeça, mas depois eu vou preso, ainda é pior...

Porque aqueles gajos são gajos de massa. O gajo vem para o pé do carro com a colher, a brincar com a colher lá com os camaradas dele, mas dinheiro da colher, que é dele? Não havia dinheiro. Digo assim para mim:

- Bem, vou telefonar para a Guarda para Arganil. Ou o apanham no caminho de Monte Frio, ou o apanham ali em baixo antes de chegar a Côja. Ele tem que ser apanhado, que não vou perder 1 conto e 500!

Diz-me assim uma senhora que lá estava:

- "Olhe, eles têm muito dinheiro e pagam bem, que eu sou da terra deles."

- Então, mas como é que ele fez aquilo?

- "Deixe lá, que eu vou-lhe lá dizer."

- Deixe estar, minha senhora, não vá lá.

- "Vou, vou! Vou lá dizer, porque você não pode ficar sem 1 conto e 500!"

A mulherzinha foi-lhe dizer. Vem já com a colher "augurada":

- Agora é que ele me vem arrumar com ela na cabeça - cá para comigo -, vem lá com a colher "augurada" assim no ar.

- "Uh! Uh! Pagou! Pagou! Eu paguei!"

- Olhe, pergunte àquele senhor se pagou. Pergunte-lhe ali!

- "O senhor não pagou. Não pagou..."

- "Pagou, pagou! Pagou, pagou!"

"Pagou, pagou" e o dinheiro não vinha de lá!

Ainda me veio à ideia por duas vezes:

- Se eu pego hoje no estupor do pau... Mando-te a uma perna que tu hás-de ir só com uma para o pé do carro!

Mas depois era pior para mim. O gajo, depois, mandava-me prender ou uma coisa qualquer. E eu assim:

- Estou lixado com ele...

Depois, lá puxa de má vontade pelo conto e 500 e mandou-mos para além. E eu cá para comigo:

- Atira até com ele para o meio do chão, que eu não me importa disso. Eu quero é apanhá-lo cá para o meu bolso!

"100 contos no caixote do lixo"

Outra vez, estava eu na Mata da Margaraça sentado já de noute. Nessa altura, tinha lá perto de 100 contos, que tinha feito de serviço, quando chega lá um gajo ao pé de mim. Ele tinha passado na Benfeita. Eu sabia que ele era de Coimbra. Chegou-se ao pé de mim:

- "Ouça lá, quanto é que você aqui faz por dia?"

Digo assim:

- Oh, oh! Então, tenho dias que nem 1 tostão aqui faço! Tem outros dias que estou aqui e não faço nada. Estou por estar. Estou entretido. Já estou reformado, estou entretido aqui.

Levava uma mulher com ele. Dizia-lhe assim a mulher:

- "Deixa o rapaz, que não te faz mal nenhum e é pacato. O rapaz é pacato, para que estás tu a apertar com ele?"

- "Tem de me dizer quanto ganhou. Tem de me dizer quanto é que fez!"

- Vou dizer quanto fiz? Então, tenho dias que nem faço aqui 1 tostão! Como é que lhe posso dizer o que cá fiz?

A mulher andou, andou até que o levou lá para a Fraga. Eu digo cá comigo:

- Agora vou para baixo. Em vindo para baixo é que ele me aperta a pele. A mulher vai-se embora e o gajo tosquia-me a valer.

Era de noute! E eu não tinha ali ninguém. Estava à espera do carro para me trazer para cima. Eu alugava um carro todos os sábados e domingos. Ao sábado, ia-me lá levar as coisas. Eu deixava lá as coisas numa casita e ao domingo de manhã ia daqui para baixo para a venda. Eu cá para comigo:

- Espera lá. Quando vieres para baixo hás-de cá encontrar o tralho, mas o dinheiro não encontras mais.

Havia, e ainda lá está hoje, um caixote do lixo na parte de baixo do largo, onde as mulheres botam o lixozito que fazem. E eu cá para comigo:

- Queres ver eu a meter ali o dinheiro? Boto num saco de plástico e vou metê-lo no fundo do caixote do lixo, que ele ali não vai meter as mãos. Tem-nas limpas, não mete lá as mãos.

Eu agarro no dinheirito, levanto aquilo com um pau, zás, dinheiro por baixo daquela porcaria que lá estava. Chega ele lá de cima:

- "Ouça lá! Ou fez sete ou fez oito ou fez nove, pode dizer! Pode dizer!"

Era para ver se eu dizia:

- Olhe, fiz cá tanto.

Eu já não o trazia, mas ele é que o levava! Era logo!

- "Então mas ainda não resolveu? Não resolveu dizer quanto cá faz por dia, de dinheiro?"

- "Vamos! Anda! Anda para o carro! Estás tu a meter-te com o homem! Vamos para o carro!" - ela não queria que ele estivesse com aquelas perguntas para mim.

Digo assim cá para mim:

- Agora podes mexer.

E para ele:

- Olhe, senhor, se está a hesitar tanto, mexa as coisas todas e eu mostro tudo quanto aqui tenho. Mostro se cá tenho algum dinheiro. Eu cá não fiz 1 tostão hoje! Nem 1 tostão cá fiz ainda hoje.

E quase 100 contos já estavam lá em baixo no caixote do lixo. Eu safava-me lá assim com muita coisa.

"O senhor guarda não bebe uma cerveja fresquinha?"

Eu vendia lá cerveja e laranja. Não podia, mas estava a vender. Tinha-as dentro dum balde com gelo para estarem sempre fresquinhas. O povo pegava muito naquilo. Viessem de baixo para cima ou de cima para baixo, agarravam naquilo! Quanto houvesse, quanto se vendia. Um dia, estava eu lá, quando chegam três guardas de Arganil. Dizem-me:

- "Ouça lá, quem é que lhe deu autorização de vir para aqui?"

- Fui eu! Tomei autorização. Ninguém me mandou. Se me mandassem, eu não vinha. É por minha livre vontade, vim!

- "Então, e que é aquilo que você tem ali?"

- É água! Tenho ali água. Trago ali um animal - estava lá sempre um cãozinho ao pé de mim -, ele volta e meia tem sede e eu boto-lhe água ali do balde.

Não é que ele vai e mete a mão pela água abaixo e encontra lá uma cerveja!

- "Você está multado!"

- Oh! Então? Mas estou multado de quê? Então o senhor guarda não bebe também uma cerveja agora, fresquinha? Uma garrafinha? Não bebe também uma cerveja? Se calhar até vem cheio de sede! - digo assim para ele.

- "Não posso. Não podemos aqui beber nada." - já estava a amansar - "Nós indo fora do posto não podemos beber."

Digo-lhe eu assim:

- Olhe, faça uma coisa. Vão ali à Fraga, em cima. Quando aqui não houver pessoal, vocês vêm para baixo e bebem cada um a sua. E vão fresquinhos dentro

do carro "pia baixo"³. E botem contas que não me viram! Botem contas que não viram ninguém, pronto.

- "Não podemos fazer isso! Não podemos fazer isso!"

- Oh! Quem é que agora cá vem ver se vocês beberam a cerveja ou se não a beberam? Eu dou-vos por nada, não vos quero dinheiro por ela!

Acontece que os gajos queriam-se fazer tão espertos, que foi a uma hora que não havia ali ninguém. Bem mamaram a cerveja! Beberam-na, botaram as garrafas para o meio de uns soitos que lá havia, foram-se embora, pronto:

- "Pronto, faz lá a tua venda, faz lá a tua venda!"

"Faz a tua venda!" É verdade. Eu não fiz mal nenhum. Eles, se calhar, até estavam com vontade de beber uma! Se não tivessem, também não iam lá apalpar o balde! Eu disse logo:

- Os senhores estão com vontade de beber uma, não estão? Bebam!

Esta também foi boa...

Vinha ali muita gente velhaca. Maus. Mas outros bons. Até demais! Muitos são bons até demais. Eu cheguei a lá ter pessoas que, às vezes, me deixavam 10 mil réis - naquele tempo chamavam-lhe 10 escudos. Botavam-me por cima das pernas ou em cima das coisas:

- "Tome lá que é para você beber uma cerveja logo quando lá chegar."

Ainda lá tive muitos desses. E outros então eram torpes como arrochos. Encontrava lá de tudo. Mas nunca me bateram nem nunca lá tive desavenças com ninguém. Depois, também me aborreci daquilo. Era uma chatice. Sábado e domingo, todo o dia amarrado, sentado, ao calor, ao sol. De início ia sozinho. Mais para o fim, começou a haver mais esta malandragem e a minha mulher já ia comigo. Agora, o povo está mais bruto. Já não obedecem a nada. É uma coisa louca. Agora já me lá não dava. Agora já não...

Só vendia nas estradas. Para fazer uma venda num lado qualquer tem que se pagar uma comissão. Se for vender colheres para Coimbra ou para um lado qualquer, tenho de ter uma referência para a poder vender. Um alvará, ou como é que chamam àquilo. E eu ali na estrada, ninguém me podia obrigar a pagar nada. Nem eu pagava nada.

Migração "Em tendo "a casca fora do rabo", voltam-se para Lisboa"

³por aí abaixo

Agora não há cá rapazes na terra. Eles, em tendo a "casca fora do rabo", voltam-se para Lisboa ou para Coimbra. Vão perguntar empregos para trabalhar. Isto aqui não dá. Na altura que eu me criei, não tinha agilidade para isso. Havia Lisboa e dizia-se:

- "Vamos para Lisboa! Vamos para Lisboa!"

Mas também, conforme aqui era miséria, lá também era a mesma coisa. Lisboa tornou-se bom há coisa de uns anos para cá, quando o dinheiro começou a evoluir. Quando começou a coisa a compor-se. Antigamente, daqui iam para a venda, para Lisboa. Vender naquelas ruas. Andavam lá com as gigas à cabeça e às costas. Um caldeiro de cada lado às costas a apregoarem por aquelas ruas a frutazita. A maçã, a pêra, a cereja, as nêspersas, tudo isso. Apregoavam, a pessoa descia dos prédios e vinha comprar à rua. Agora há esses lugares, esses "marchés", e já não é preciso nada disso. Mas naquele tempo era diferente. Era na rua que vendiam a fruta. Era lá miséria, também. Uns mais deles regressavam cá à terra e depois para irem para lá outra vez tinham de pedir dinheiro emprestado. O que eles traziam, comiam-no cá e não chegava para voltar. Eles vinham cá de amiúde. Alguns deixavam cá as mulheres, outros tinham cá os filhos. Mas o pouco que traziam, voava. Depois, queriam ir para baixo, tinham de se chegar ao pé duma pessoa qualquer:

- "Olha, empresta-me aí tanto, que depois mando-te para cima."

E tinham que ir por dinheiro emprestado. Era a vida naquele tempo. Hoje já não é assim. Já não há miséria. Hoje há pessoas aqui da terra que andam em Lisboa e vivem bem.

Costumes *Tradições de Pardieiros*

"Uma farra do caneco!"

As festas em Pardieiros toda a vida têm sido boas. Umas festas valentes! Vem a música, dois conjuntos, um para de véspera, outro para o outro dia e têm-se feito aí umas festas boas, muito divertidas. Eu vou sempre. Juntam muita gente. Juntam gente da Benfeita, das Luadas, do Pai das Donas, da Relva Velha, do Enxudro... O largo, à noute, fica completo, todo cheiinho! E tudo lá farra, tudo brinca, tudo dança, tudo canta o fado... É aí uma farra do caneco! Fazem umas festas boas, ai isso fazem. Antigamente, a festa não era como agora. Havia poucos dinheiros para as fazer. A gente guardava de cá de longe o dinheirito para quando fosse pela festa comprar uns quilos de arroz ou de massa, um bocado de uma rês ou um saco de batatas. Comprava-se aquilo para depois se fazer a festita.

Para comermos, ali dois ou três dias. Agora a vida está doutra maneira, já fazem a festa um bocadinho mais valente, melhor. É uma festa boa, é, muito divertida.

"Noutada da caldeirada"

Em Janeiro, cantávamos as Janeiras. Cá cantavam. Iam dois ou três homens adultos tirar pelas ruas. A gente dizia que iam dando a volta por aí. E iam cantando as Janeiras, lá como sabiam. Cantavam à porta para a gente vir dar a chouriça. Arranjava-se um pau com muito galho onde se penduravam as chouriças. Um dava uma, iam a outra porta, davam outra, outro dava outra. E apontava-se o nome de quem dava:

- "Fulano de tal deu uma chouriça!"

- "Sicrano de tal deu outra chouriça!"

E aquelas chouriças, no dia seguinte, serviam para uma noutada da caldeirada com as batatas. Guardavam-se para aquele dia. Juntavam-se aquelas chouriças, migava-se tudo migadinho, zás, para dentro de uma caldeira a ferver. Ficava gorda aquela calda. Depois, punha-se dentro uma mão cheia de batatas. Era uma ceia para todos. Mas só para quem tinha dado. Quem não tinha dado nada, não tinha nada que ir lá comer.

Os doces e a chanfana

Aqui come-se bem. Vai-se buscar uma frutazinha... De tempos a tempos, um bocado de carne da chanfana com umas batatinhas coradas ou cozidas. Os nossos comeres por aqui são assim. Também há doces, mas, infelizmente, não os posso comer porque tenho diabetes. Quando era mais novo, os doces eram só de anos a anos. Quando era pelas festas:

- "Faz-se um bocado de arroz-doce que hoje é dia de festa!"

E às vezes arranjava-se um bocado de chanfana. Era o que mais se arranjava. Assava-se no forno de lenha, de cozer a broa. Fazia-se um bocado de arroz, um bocado de tapioca, uns bolos e tal. Outras vezes, se aí havia mais barato e a gente tivesse dinheiro, comprava-se uma ofertazita. Trazia um ananás, um bolo, isto, aquilo. A nossa vida era assim.

"Vou-te serrar aqui, velha!"

Havia a tradição de serrar a velha no tempo do Inverno. Era aí o fim do mundo, nesse tempo. Arranjávamos uma serrita e um bocadito de madeira e

depois íamos, à noute, à porta das pessoas mais velhas da terra. Depois de aquelas pessoas fazerem tantos anos, nós íamos serrar a velha. Às vezes era só uma mulher ou um homem. Outras vezes, eram dois e três. Era conforme. Se fossem três, íamos a todos os três serrar a velha. Era o costume. Dizíamos assim:

- "Ó velha! Ó velha! Vou-te serrar aqui, velha! Vou-te serrar!"

E a gente com a serrita: ruca, ruca, ruca... Íamos de uma porta para a outra serrar a velha. Dizia que lhe ia chegar ao nó:

- "Ó velha! Ainda te vai chegar ao nó!"

E as gentes com as serritas, zumba, zumba, zumba na ripa.

- "Oh! Vai-te embora! Tu também hás-de ser velho! Vai-te embora!"

E a gente: sarruque, sarruque, sarruque, sarruque. Naquilo com umas serritas. Era mais a garotada que fazia isto. Homens adultos já não iam. Claro, já parecia mal. Agora, os garotitos não saíam das portas a serrar a velha. Mas elas não queriam! Se a gente fosse para o lado de baixo de uma janela serrar a velha, elas iam lá por cima buscar o bacio debaixo da cama e pumba, para cima da gente! Eram velhacas, más. A gente vinha todo molhado a cheirar a mijo. Tinha que vir para casa tomar banho. Mas não podíamos dizer nada, porque nós é que fazíamos o mal.

João Brandão

Para histórias, nunca prestei para nada. Nem para contar, nem para aprender contos.

Nunca aprendi nada. Às vezes, na taberna lá da Casa do Povo, ouço falar do João Brandão:

- "Olhem, se viesse o tempo do João Brandão, se fosse assim, se fosse assado..."

Outros é:

- "Se viesse o tempo do Salazar, a tua vida andava mais direito."

É no que falam. Ouço falar, mas não conheço.

"Um era lobisomem"

Também falavam no lobisomem. No meu tempo, já falavam nisso. Eu até vi uma vez uma cena dessas que até chorei. Havia dois irmãos na terra da minha

mulher, a Moura da Serra. Um era lobisomem. Diziam que era lobisomem quem passasse e se deitasse no bosteiro de um cão. Ficava a ser um cão. Se fosse de um burro, fica a ser um burro. Se fosse no que uma galinha faça, era uma galinha. Mas era só da meia-noute em diante. Àquela hora tinha que sair. Onde se despojasse é que tinha que sair. E onde se despojasse é se formava naquilo. Andavam a vaguear por aquelas ruas a fazer barulho. E se as pessoas que estavam em casa ouviam aquele barulho, quando vinham cá fora não viam nada. Não tinham poder de ver. Depois, passava. Depois de dar a volta que tinha a dar e correr uma terra ou duas ou três com aquele sino colado, em chegando àquela hora tornava a voltar ao mesmo natural que era.

E esse irmão era desgostoso de assim ser. Disse para o outro:

- "Ó irmão, tu tiravas-me este defeito que eu tenho. Só tu é que me podes tirar este defeito."

E ele:

- "Se eu pudesse..."

- "Tiras. Tu tiras-me este defeito."

E o irmão disse:

- "Faço tudo o que tu quiseres!"

- "Então, olha, vais para o palheiro de tal maneira assim, assim. Eu à meia-noute tenho que sair e tu levas uma agulhada do carro de bois e quando me vires ir a passar, espetas-me. Em botando sangue, já não fico mais lobisomem" - disse o irmão para o outro.

Que é que o homem fez? Fez o que o irmão mandou. Coitadito, foi para o janelo, ele ia a passar, pumba! Espetou-lhe a agulhada num olho! Não via lá de dentro onde espetava, espetou-lhe um olho e cegou o irmão. Quando chegou ao pé dele:

- "Ai! O que eu fiz!"

- "Deixa lá irmão, não foi por mal, deixa lá..."

O homem ficou cego. O irmão é que o cegou. Mas como botou sangue, já não ficou mais lobisomem. Seria assim? Não sei se é, se não é. Antigamente, era assim, agora já não falam em nada disso. Agora, a mocidade só quer cantar e dançar e pronto. Mas, antigamente, havia essas coisas. Diziam até que cada terra tinha o seu. Só podia haver um em cada terra. E havia poucas terras que não tivessem.

Lugar "*Sempre gostei de aqui viver*"

Antes, a aldeia não se chamava Pardieiros. Agora é que é, mas já foi Valverde. Depois passaram para Pardieiros. Mas eles não gostavam do nome e

andaram para pôr outra vez Valverde. Já não conseguiram. Como esteve muitos anos com o mesmo nome, lá em baixo não autorizaram. Já não conseguiram mudar. Ficou Pardieiros na mesma. Mas, antigamente, quando isto não era nem metade do que é hoje, chamava-se Valverde. Também já foi Aldeia de São Nicolau. Antigamente, havia uma senhora que tinha metade dos Pardieiros. Chamava-se Nazaré. Nessa altura era Valverde. Ela vivia na Rua de São Nicolau. Agora é uma estrada, mas nesse tempo, era uma rua de carros de bois. Uma cabreira. Não era uma estrada como agora. E ela, então, pôs o nome Aldeia de São Nicolau. Por isso a nossa Irmandade é de São Nicolau. Para mim tanto faz ser Pardieiros como Aldeia de São Nicolau ou Valverde. Para mim é a mesma coisa, é igual.

"Zé Paródias" e os "Ralhadores dos Pardieiros"

As pessoas dos Pardieiros são os "Ralhadores". Os "Ralhadores" dos Pardieiros! Toda a vida foi. Discutem muito uns com os outros. Têm muito génio. Amanham cada pé-de-vento! Não sei de onde vem isto. Mas para discutirem uns com os outros "não há pai"! Uma porque "roubaste um molho de mato", um outro "foste-me botar a água, a água era minha e tu foste-la botar", outro porque "tinha lá umas couves e apareceram esmocadas, se calhar foste tu que mas roubaste"... Armam logo um pé-de-vento! Para ralar, "não há pai".

Todas as pessoas de Pardieiros têm nome. Mas há pessoas que botam alcunha. Fulano é esta, fulano é aquela, sicrano é aquela. Eu também tenho alcunha. Sou Zé Garcia, mas todos me chamam "Zé Paródias". Numa ocasião, quando era pelas Janeiras, havia aqui duas tabernas. E todos os anos a gente matava o porquito e migava chouriças para uma caldeira. Depois punha batata e fazia aquela caldeirada de chouriça e batata. Eu estava na taberna de cima e diz-me o tal homem que juntava as colheres, o Aristides:

- "Ó Zé, vai ali em baixo e diz ao pessoal que está na taberna para vir para cima."

Eu fui bem mandado e fui lá:

- Ó pessoal, venham para cima, que a paródia está feita!

Diz um que lá estava:

- "Ficas a ser o "Zé Paródias"!"

Até hoje. E eu nada me ralo com isso. Quando me encontram, dizem:

- "Olha, ali vai o "Zé Paródias"!"

E eu:

- Vou, sim senhor!

Vou para a Benfeita, vou para Arganil:

- "Ó "Zé Paródias"! Ei! Então? Que tal? Que andas a fazer?"

- Nada!

- "Olha, eu também não!"

Pronto, não me importa. Mas muitos aí chamam-nos por alcunha e zangam-se. Ofendem-se. Até oferecem porrada! Mas é algum mal? É algum mal chamar a gente pela alcunha? Não chamam a gente ladrão, nem que faz más acções. Por isso, não há mal nenhum em ter um nome! Que mal é? Em vez de um, são dois!

"Na Mata, começámos a viver melhor"

Tinha 6 anos quando viemos para a Mata da Margaraça. Decidíramos ir para lá, porque antes arrendávamos terras. O patrão, o dono da propriedade, dizia assim:

- "Tendes de me dar tantos alqueires de milho, tantos de feijão e tanto de batata."

E a gente trabalhava um ano inteiro a cultivar o milho, o feijão, a batata e quando chegava o dia de São Miguel, ia tudo para o dono da propriedade. O feijão ia todo, a batata ia toda, o milho ia todo e a gente, ao fim do ano, ficava com nadinha para comer. Os patrões já sabiam o que as propriedades davam. Se desse 20 alqueires, diziam que queriam 20 alqueires. Se aquilo dava 20 alqueires e eles levavam 20 alqueires, ficávamos sem nada. Mas mesmo assim, alguns ainda iam pedir as fazendas aos patrões de noute, para ninguém saber que iam lá. Havia falta de terra. Havia muita gente para cultivar e não havia fazenda para todos. Então, se queríamos comer, tínhamos que andar a comprar uns alqueiritos de milho. E, de tempos a tempos, coziavam-se umas broas. Comia-se o dobro, naquele tempo. Era o dobro, se o houvesse. A gente, nova, a trabalhar de manhã à noute... Chegava-se o fim do dia, comiam-se aquelas broitas e tal. Em acabando o milho, vinha-se buscar outro alqueirito a outro lado. Era uma miséria! Uma vida de escravidão. Uma vida ruim. Agora não. Agora já uma pessoa vive mais ou menos.

Quando os meus pais vieram para a Mata, começámos a viver melhor. Só o primeiro ano é que foi mau. Eu cheguei a comer urtigas cozidas! Urtigas! Uma coisa tão má que morde as mãos! Hoje a vida já está de outra maneira. Não somos obrigados a comer palhas e maravalhas. Quando não gosto, não como. Isso é verdade. Mas a vida na Mata também era custosa. A Mata, de Inverno, era o fim do mundo. Frio, gelo... Caíam ali camadas de neve que a gente, para ir buscar palha para os animais, tinha que ir com uma enxada abrir um caminho por aí abaixo. A neve chegava pelo meio das portas. O gelo era um fim do mundo. Não dava sol. A gente só apanhava calor quando andava a trabalhar. O gelo

botava-se debaixo duma árvore e, pronto, já ali não havia calor. Nada! Sempre ali fresquinho... Ainda lá está uma casa na Mata. Aquela que lá está era a casa duma feitora. Chamavam-na Albertina. Era uma mulher que tomava conta da terra do dono da Mata. Às vezes, ele lá vinha. Tinha uma mula. Vinha de 15 em 15 dias, de três em três semanas.

Naquele tempo, tudo cultivava. Tudo tinha fazenda. Tudo tinha muito milho, muito feijão, muita batata, muito azeite. Aproveitava-se todo o azeite que aí houvesse. Agora já ninguém aproveita uma azeitona. Nas fazendas, está tudo em silvas. Tudo relva. Ninguém cultiva uma qualidade. Mesmo aqui ao pé da povoação ninguém cultiva nada. A fartura das comidas acabou com tudo. Tudo o que a pessoa agora come é comprado. Vão comprar a Côja, vão comprar à Benfeita. Quem tem carro vai a Arganil, àqueles "marchés" onde vêem que é mais barato. E cada um se arranja como pode. Mas da fazenda é que não há! Acabou tudo. O que fracou o nosso Portugal foi isto. Foi deixarem de cultivar. Foi um arruinamento muito grande. Uma coisa louca, uma coisa maluca.

"Remediar com quanto pudesse"

Antigamente não havia médico. Quando estávamos doentes, íamos a uma farmaciazita. Chamava a gente um "farmacete". Também havia em Arganil um hospitalzito. Agora até o reconstruíram e está melhor e maior. Era ali que a gente ia ao médico. O médico consultava-nos e dizia assim:

- "Tomem lá este papelinho e vão à farmácia levantar os medicamentos para tomarem."

De resto, tínhamos as ervas. No Inverno, que está tudo verde, tudo bonito, temos muitas ervas de boa qualidade. Quando me cortei numa mão, tratei-me eu com um frasco de tintura da preta. Botava-lhe, com uma ligadura apertava e assim passava.

As crianças, coitaditas, nasciam em casa ao pé das mães. Depois iam com elas ao médico a Arganil. Era assim a vida. Não é como agora. Agora, em vendo que tal, zás para o hospital. Dantes, não havia nada disso. Havia cá uma mulher que ajudava as outras. Chamava-se Nazaré. Era muito jeitosa, muito ajeitadinha para isso. Expunham essas dores à mulher à meia-noute... Eu fui buscá-la às costas para o meu António, o mais velho. Trouxe-a às costas para minha casa. Ela chegou lá, foi logo de caminho. Não havia outra coisa! Cá não havia outras comodidades, um hospital para onde fosse. Só em Coimbra. Mas não havia estradas, para se transportar ninguém para lado nenhum. Era só assim. Cada qual tinha de se remediar com quanto pudesse. E nós agora cada vez estamos pior.

Não há quem faça um serviço por ninguém. Não há ninguém... Tudo quer é muito dinheiro. Mas agora também já não é preciso. Já não nascem crianças!

Em pequeno, deu-me no berço uma paralisia infantil. Daí comecei a coxear. Chamavam, naquele tempo, a isto um ataque de meningite. Se os meus pais, naquela altura, me levam a um médico ou me mandam para um hospital, eu ficava bom. Aconteceu aqui a duas pessoas da terra e ficaram boas. Coitaditos, os meus pais não tinham posses para me levarem. Hospital, só em Coimbra é que havia um. E uma coisa também somenos. Só havia uma farmaciazita na Vide, que é por cima de Alvôco. Ainda me lá levaram:

- "Aqui não fazemos nada a isto! O que é que lhe vou chegar? Levem-no para o hospital, para ser operado."

Ainda era novito. Mas nunca me deu um achaque a trabalhar, nem a cavar terra, nem a cultivar a fazenda, nem a buscar um carregado de madeira. Até esta altura. A idade começa a avançar, as forças começaram a faltar e sem umas muletas já não posso ir para aqui nem para ali. Já não consigo. As coisas são assim. Mas sempre vou andando, sempre me vou mexendo.

"Milho para fazer a barba"

Havia uns barbeiros na Benfeita. Agora só lá está um, coitadito. Já está velhito, também já não pode fazer nada. Mas havia lá muito barbeiro. Vinham aqui de propósito todas as sextas-feiras fazer as barbas ao povo. Em troca, davam-lhes meio alqueire de milho por ano. Dinheirito, não havia para dar. Só tínhamos o que cultivávamos na fazenda. E era o que nós dávamos para ele nos fazer a barba todas as semanas. Quando chegasse o fim do ano, vinham com sacos cobrar o milho a nossa casa. E a gente pagava-lhe o meio alqueire de milho para nos fazer a barba. Agora nem nos Pardieiros, nem na Benfeita há um barbeiro. Não há quem saiba cortar um cabelo. Não há quem saiba fazer uma barba. Cada um tem de se remediar como pode e sabe. Não há cá nada, nada!

"Uma máquina estúpida"

Nunca aqui vieram vendedores. Para vender roupas e assim, nunca cá veio ninguém. Às vezes, vinha aí um retratista. Era caro. Trazia daquelas máquinas com um carapuço e uma saca. Eles punham a cabeça lá dentro e tiravam o retrato

com aquilo. Era uma máquina estúpida. Agora, vêm aí todas as semanas uns homenzinhos vender fruta. À terça vem um de Penacova e outro de Arganil. À sexta só vem o de Arganil. Compramos-lhe sempre todas as vezes. Agora o dinheirito já vai chegando, porque, se não houvesse, não comprávamos.

Eu gostei sempre de aqui viver. Não é nenhum luxo, mas ainda tem umas ruazinhas escapatórias. Ainda vamos até aqui, até ali. Aqui, só custa é passar as noutes de Inverno. Se houvesse uma distraçãozinha à noute - um filme, uma cassete bonita ou uma coisa qualquer - a gente sempre podia ver um bocadito. Estava lá uma hora ou duas e depois vinha dormir melhor para a cama. Assim, a gente deita-se logo. Há muitas terras que têm estes divertimentos e as pessoas vão ver. Estão ali entretidos. Aqui não há nada disso. Nem nunca cá houve ninguém que dissesse assim:

- "Põe aqui isto ou põe aquilo para o povo ir ver, para se entreter."

Mas gosto de aqui viver. Estou bem. Ninguém me trata mal, estou na minha casinha. Comprei-a, construí-a, arranjei-a. Cá estou e aqui hei-de morrer, se calhar. É o mais certo. Só se for a algum hospital "pia baixo"⁴. Senão, aqui acabo também por morrer.

História A Comissão de Melhoramentos

A Comissão começou para arranjam fundos para fazer a festa. Quando era o princípio, iam tirar dinheiro pelas portas. Um não dava, outro não dava, outro também não dava, aquele não dava. Depois, queriam mandar vir a música para fazer a procissão - um conjunto ou dois para dançarem na véspera da festa e ao outro dia - e o dinheiro não chegava. Então, a gente começara a apanhar sócios. Todos éramos sócios e pagávamos aquela quota todos os anos. Com aquele dinheiro já pagavam à música, já pagavam os enfeites para as ruas, já arranjavam dinheiro para a festa.

Em primeiro, os conjuntos ficavam cá. Dormiam nos palheiros. Botavam uma faixa de palha, de centeio, no sobrado, umas mantas por cima e uns lençóis. Dormia ali tudo de restolhada. Vinham de vésperas da festa, à noute. Ao outro dia, tocavam aí pelas ruas. Chegando a hora de irem para a cama, lá iam eles todos. Chamava-se até a "cama dos músicos". Havia músicas que tinham aos 30 e aos 40 homens. Eram umas músicas muito grandes. Agora esses conjuntos, essas tunas, já são menos gente. Mas naquele tempo era assim. Tudo queria vir para a festa:

⁴por aí abaixo

- "Ai! Eu vou à festa para os Pardieiros."

Também lhes dávamos de comer e eles sabiam que cá comiam bem. Agora, a coisa começou a virar para trás. A música vem cá, faz a procissão e ao meio-dia, uma hora, vai-se embora para a terra dela. Não param cá.

Também se houvesse um cano roto aí na rua, a Comissão é que arranjava. Se pagávamos as quotas, não tínhamos nada que compor o cano. E também se fosse preciso fazer aí uma parede, limpar uma rua, a Comissão é que ia fazer esse trabalho. Fizeram a estrada, mas aí a Comissão não pagou tudo. O Estado deu também muito dinheiro. Onde é que a Comissão tinha o dinheiro? Algum dia? Não tinha dinheiro. Com uma ajuda daqui, dali, daqui, dali, lá fizeram a estradita. Não ficou boa, porque naquele tempo os donos das propriedades pensavam que nunca morriam. Se eles a tivessem deixado alargar como deviam, ficava aqui uma estrada de luxo. Para a Fraga da Pena, passam aqui milhares de carros. Pelo menos em três meses do ano. Lá também é bonito! Aquela estrada vinha ali para a Fraga da Pena e seguia para a Mata da Margarça. A Mata da Margarça estava toda em terreiro. Era uma borralheira. Passavam ali os turistas...

Já sou sócio da Comissão desde a idade de 6 anos. Os contos de réis que já para ali engordei. É verdade. Tenho lá já um dinheirão. E na Irmandade, também. Quando eu morrer, se me levarem ali em cima, não me fazem favor nenhum. Eles já estão bem pagos! Actualmente, mesmo na Irmandade, temos uns cinco homens. Incorporam para levar ali adiante uma pessoa ao cemitério. E já é tudo as funerárias. As funerárias é que vêm fazer tudo. Já não há ninguém. Já nem levam velas, nem levam a lanterna, nem levam nada. Não há quem. Acabou tudo.

Quotidiano "*Gosto de conversar com as pessoas*"

Agora, por Deus, Nosso Senhor, estou bem. Deram-me uma reformazinha boa e estou bem. Deixei de trabalhar, porque já não posso. Não estou a dizer que agora estou mal. Tive esta coisa, mas curei-me. Estive lá dez dias no hospital. Graças a Deus, tinha lá muita gente boa ao pé de mim. Tive lá sempre quatro enfermeiras, que aquilo era uma maravilha de raparigas. Fiquei curadinho. Agora, estou bom. Ando a tomar os meus remediozinhos. Não me dói nada no corpo. Graças a Deus, estou bem. Gosto de conversar com as pessoas. É um convívio que a gente tem. Se de hoje a amanhã nos tornarmos a encontrar aqui no mesmo sítio ou noutra parte, dizemos assim:

- Olha, estive a conversar com estas pessoas e gostei de conversar com elas. Não é verdade? Eu acho que é assim.

Mas passei daquelas das trevas de Cristo. A miséria! Uma vida má, crítica, ruim! Não se ganhava dinheiro. Não havia quem o desse a ganhar. Nada! A falta

de certas coisas era muita e a pessoa andava sempre com as orelhitas derrubadas para baixo, porque a vida não dava para fazer o comer. Foi uma vida, ai Jesus! Às vezes estou sozinho a pensar nesta vida, parece que até o mundo anda de roda! Agora, não tem nenhuma comparação. Nada! É uma vida muito melhor, muito mais apurada. A pessoa sabe mais sei lá quantos dobros do que naquele tempo. Dantes, uma pessoa não sabia nada. Não tinha experiência de coisíssima nenhuma. Era só trabalhar de dia e à noite ir para a cama. Ao outro dia de manhã, ainda de madrugada, toca a ir para o trabalho. Levantávamo-nos outra vez para a mesma coisa, para a mesma roça. A minha vida foi assim. Toda a vida a trabalhar até esta idade. Toda a vida.